



O SAMURAI

Ao ver a lua minguante enevoada no céu, em pleno frio de outono prenunciando o inverno, logo me vem à lembrança a mais estranha aventura dentre todas já vividas ao longo de minha vida. Mistério que aconteceu no bosque de uma colina das montanhas Surugi, na ilha de Shikoku, no distante sul do Império.

Naquele tempo, era jovem, alto, forte, destemido, um corajoso samurai.

Não era o velho de hoje, amparado num cajado, já parecendo cansado, embora goste bastante das cerejeiras floridas, nas manhãs de primavera, assim, feito me agrada ver na beirada-d'água o grou de coroa vermelha, esse pássaro encantado, ave da felicidade, que dizem viver mil anos.

Com lealdade e vigor, quando moço mais disposto, eu servia a meu senhor, Toyõtomi Chikamasa, poderoso daimyö das terras de Takamatsu, junto das praias nervosas que ficam a noroeste das matas de Shikoku.

Tinha fama por meus atos, em horas de paz e guerra, pois não havia, na ilha, samurai que não soubesse ou não contasse com orgulho uma história, uma aventura, um feito heróico, glorioso de Wakiki Monofu.

Meu nome abria portas, mesmo as portas mais trancadas à chegada de um estranho. E deixava inseguros os mais duros inimigos.

Era assim que acontecia e não há o menor motivo para tramar fantasia sobre um samurai guerreiro.

NAS RUÍNAS DA COLINA

Eis que, numa ocasião, em fim de outono gelado feito este de agora, retornava da aldeia onde moravam meus pais, no lado leste

da ilha. Ia, em marcha, me juntar às tropas de meu senhor, no porto de Takamatsu. Não era curto o percurso e precisava de um mês para chegar até lá, mas não podia faltar, pois a guerra me aguardava.

Viajava há quinze dias. Estava sem montaria, pois deixara para trás o animal machucado. Preocupado, caminhava em meio ao entardecer. Já via no horizonte as montanhas Surugi, canto de histórias estranhas e lendas muito obscuras que assustavam muita gente.

Sabia que, adiante, no dobrar de uma colina da cadeia de montanhas, havia um povoado. Lá, eu teria pousada, comida e montaria para prosseguir viagem.

Ainda que parecesse mais um ganso desgarrado de seu grupo em migração, não me acompanhava o medo, nem ia só no caminho. Levava minhas espadas, mais meu bökken de madeira, que cortei, poli e fiz com minhas próprias mãos ao me tornar samurai. Armas que me asseguravam vigor, destemor, coragem que tinha por ser guerreiro. Com meu orgulho selvagem, na trilha que percorria, mais me sentia um deus, um consagrado Kami, em meu traje militar.

Mesmo assim, não vou negar o susto com o acontecido, poucas horas mais à frente, naquela noite de outono, feito a noite de agora, com essa lua minguante enevoadada no céu. Temor que quase pôs fim à minha valentia.

Tudo aconteceu assim.

Ao chegar junto da colina, todo o céu se escureceu. Logo, uma forte chuva despencou sobre os pinheiros que subiam pelo monte.

Corri para me guardar em algum lugar seguro pelas encostas do morro, procurando uma clareira, um abrigo protetor. Não foi pequena a surpresa quando me deparei com um velho santuário completamente em ruínas escondido na colina.

Ali, encontrei guarida sob um telhado inclinado, bem atrás de um paredão ao redor de uma clareira. Lá, me livre da chuva, que caiu por algum tempo, quase até a meia-noite, quando se tornou sereno.

No céu, a lua minguante chegou prometendo luz, nublada por leves nuvens. Vagas estrelas teimavam, brilhando no firmamento.

Embora um tanto cansado, não alcancei o sono. Uma coruja piando, agourando o santuário, me manteve acordado.

De repente, na clareira, vi bandos de vaga-lumes, praga que me deixou bastante desconsertado, por saber que são insetos cobertos

de maldição, almas de criancinhas que cortam a noite escura à procura de uma trilha para o mundo inferior das trevas na eternidade, onde residem os mortos.

Não custou e a coruja voou dali para longe, talvez um tanto assustada.

Um cuco, ave assombrada, que vive na companhia de espíritos malignos, pousou num pinheiro seco na beirada da clareira.

Outro cuco e um terceiro lhe fizeram companhia.

Sem demora, a lua magra escondeu-se numa nuvem com a cor de tinta preta. Levou estrelas com ela e o velho santuário apagou-se por completo.

O sereno, embora fino, molhava, gelava o frio, quando gritos estridentes foram se aproximando de onde eu me encontrava.

Vinham de dentro da mata e paravam na clareira. Gritando ainda mais alto, volta e meia gargalhando, faziam forte algazarra.

Escondido, onde estava, debaixo de meu telhado, não percebia o que era e nem era percebido pelo grupo que chegava.

Dava apenas para ver pares de olhos acesos, duplas amêndoas em brasa.

Numa intensa agitação, rodearam a clareira, em torno de uma sombra com certeza bem maior, pois tinha olhos imensos como pêssegos em chama.

Um relâmpago cortou a escuridão da colina me deixando entrever quem eram aqueles seres que assombravam o lugar.

Eram gatos gigantescos, todos de pé, monstruosos, com garras e grandes dentes, pêlos arrepiados.

E, no meio desses gatos, um gato negro maior, quase o dobro dos demais.

Estremeci de temor ao escutar seus grunhidos.

— Estão sentindo o fedor que perfuma o santuário?! — perguntou aos outros gatos que estavam ao seu redor.

— É cheiro de carne humana! — todos, então, responderam, aos gritos e gargalhadas.

Daí, eles se calaram.

Pareciam cochichar como se combinassem alguma coisa entre eles.

— É tudo Oni, com certeza. Demônio que se transforma em gente ou animal para atormentar os homens. — pensei comigo, em silêncio.

Com a mão direita, alcancei minha espada maior, Katanä bem afiada, capaz de cortar metal e decepar gota d'água. Com a esquerda, segurei o meu bökken de madeira e aguardei o ataque dos espíritos malignos.

Contudo, não me atacaram.

Tornaram à gritaria e também às gargalhadas, pondo-se, então, a cantar uma canção muito estranha que ouvi atentamente:

*Amanhã será melhor,
sendo carne de donzela,
bem mais tenra e bem mais bela,
que irá para a panela!*

*Que os homens do povoado
não tragam Schipeitarö!
Maldito que não espero!
Schi-pei-ta-rö eu não quero!*

*Amanhã será melhor,
sendo carne de mocinha,
carne nova, salgadinha,
bem assada na cozinha!*

*Que os homens do povoado
não tragam Schipeitarö!
Maldito que não espero!
Schi-pei-ta-rö eu não quero!*

Assombrando o lugar, cantaram por algum tempo, entre gritos, gargalhadas, agitando a roda louca ao redor do gato negro que comandava a balbúrdia. Fizeram farra danada, indo embora da clareira por volta da madrugada, bem antes do amanhecer.

Pude ouvir a revoada dos três cucos indo atrás dos espíritos malignos. E, novamente, a coruja piou em algum lugar do santuário em ruínas.

Mantendo as armas na mão — o bökken, a katanä — e murmurando uma oração ao iluminado Kannon, Senhor da Misericórdia e olhador dos lamentos, que sempre socorre os homens, não resisti acordado.

Entregue ao sono, dormi.

UMA TRISTE NOVIDADE

Só despertei quando o sol já invadia a clareira, tendo alcançado os pinheiros, após se infiltrar no céu coberto de brancas nuvens.

Desgostoso com o temor que senti na noite escura, levantei-me e fui embora. Nem sequer voltei os olhos para examinar de perto as ruínas assombradas do antigo santuário.

Com minhas armas, jurei retornar ali, um dia, pronto para enfrentar os espíritos malignos que haviam me assustado. Promessa de samurai que teria de cumprir, mantendo, assim, minha honra, sentido de minha vida.

Contornando a colina, alcancei o outro lado.

Vi, então, o povoado que esperava encontrar.

Embora com alguma pressa, ao descer por uma trilha, pretendendo não chegar de mãos vazias na aldeia, cuidei de catar no chão cogumelos perfumados que nascem do orvalho frio. Alimento abençoado para oferecer a quem me desse pouso e comida e me arranjasse montaria que me levasse ao destino da guerra de meu senhor, no porto de Takamatsu, a noroeste da ilha.

Não escolhi moradia.

Parei diante da porta da primeira cabana que encontrei pelo caminho no início da aldeia.

Casa de camponeses, gente sem muito recurso.

Logo chamei por alguém e veio me atender um senhor envelhecido por seus esforços na vida.

Na hora, me apresentei, porém, abatido e sujo, molhado, muito cansado, não imaginei que o velho fosse acreditar em mim.

— Sou Wakiki Monofu, samurai de meu senhor, Toyōtomi Chikamasa, daimyō de Takamatsu. Talvez conheça o meu nome, com certeza, o nome dele. Estou aqui de passagem e peço que me hospede, pois será recompensado na ocasião precisa.

— Bem conheço, com respeito, a valentia dos nomes. Porém, se não conhecesse, mesmo assim convidaria o moço para entrar. Mas, saiba, é casa de pobre, onde moro com a família, eu, minha mulher e nossa filha — respondeu o camponês, fazendo uma reverência.

— Somaremos, com orgulho, nossa pobreza juntos — entreguei os cogumelos ao responder para o homem.

Entrei e vi que a cabana tinha somente um cômodo, dividido por um biombo com desenhos bem antigos de ameixeiras floridas.

Através do biombo notei uma silhueta, sombra de alguém escondido. Era a filha do casal que, com pudor, se guardava, conforme fazem as moças, obedecendo ao costume quando tem estranho em casa.

O camponês e a esposa ofereceram chá quente, uma tigela de arroz e legumes no vapor, tudo muito saboroso.

Enquanto me alimentava, o casal me observava em curioso silêncio.

Por fim, o velho falou:

— Muita coragem do moço, viajar a noite inteira, apesar da forte chuva.

— Não viajei à noite e me protegi da chuva no santuário em ruínas, na colina aqui por perto — com respeito, respondi.

O camponês e a mulher pareceram espantados com minha revelação.

— O moço correu perigo que não pode imaginar! — logo advertiu o velho.

— De fato, corri perigo. Só não sei como escapei do que encontrei na colina — e passei a relatar minha história vivida com as assombrações do morro. — É tudo Oni. São demônios que se transformam em gatos feito dragões do mal, com garras bem afiadas, pêlos arrepiados, olhar de fogo vermelho. São entidades perversas, voltadas a assustar o mais valente mortal — detalhando, prossegui.

Mas, antes de encerrar o que tinha para dizer, vi-me, então, interrompido, comovido com o choro da mocinha protegida atrás do antigo biombo.

— É nossa filha, Uzume, que vive infelicidade, tragédia que todo ano ocorre em nossa aldeia — falou a mãe da menina ao me perceber surpreso com os lamentos que ouvia.

O camponês, pai de Uzume, se encarregou de contar que, a cada outono do ano, os espíritos malignos do santuário em ruínas aparecem e exigem uma filha da aldeia, dando sumiço na moça.

— Este ano escolheram justamente a nossa filha. Única filha que temos para cuidar de nós se um dia precisarmos — explicou o velho homem. — Sem salvação, esta noite, temos de levar Uzume dentro

de uma caixa até aquela clareira que existe na colina, junto do santuário — concluiu, entristecido.

Na hora, penalizado, lembrei-me de um poema, obra do Japão antigo:

*Junto do grande mar,
colhendo o sal da vida,
o coração da jovem
arde, enquanto sobrepõe,
feito lenha para o fogo,
a solidão de sua dor.*

SCHIPÉITARÖ

Preocupada com a filha que prosseguia chorando, a mãe, então, levantou-se de onde estava sentada, indo consolar a jovem atrás do velho biombo.

Acabou trazendo Uzume até minha presença.

Já me agradara, a princípio, o nome daquela moça, por ser nome abençoado, sendo Uzume o mesmo nome da deusa da juventude, protetora da alegria, da justa felicidade que precisa estar presente nos corações dos mais novos.

Ao ver a jovem, contudo, por sua doce beleza, seus olhos castanho-claros nas lágrimas de seu medo, marcas de sinceridade, suas mãos finas e longas, sua pele feito seda, sua suavidade, seu leve modo de ser, me veio ao coração, com maior disposição, a promessa, o juramento feito naquela colina das montanhas Surugi.

Era um samurai guerreiro e minha honra exigia que enfrentasse com coragem os espíritos malignos, trazendo felicidade à moça e a seus pais, livrando o povoado dos transtornos que sofria a cada outono do ano.

Transtornado, procurava como agir sem vacilar.

Certamente, foi Kannon, o Senhor da Compaixão, que sempre socorre os homens, quem me avivou na lembrança a canção daqueles gatos na noite mal-assombrada.

E algo se ressaltou...

.....
*Que os homens do povoado
não tragam Schipeitarö!
Maldito que não espero!
Schi-pei-ta-rö eu não quero!*
.....

Dirigi-me ao pai da jovem sem deixar de olhar Uzume:

— Por acaso, o senhor sabe o que é Schipeitarö? Ou quem é Schipeitarö?

— Schipeitarö? Ora! Sim! É um cão de grande porte que vive na companhia do senhor que administra estas terras da aldeia — surpreso com a pergunta, respondeu o camponês.

Percebi, com segurança, o que devia fazer.

Relatei minhas suspeitas, certo de que os demônios temiam Schipeitarö.

— Esta noite, em vez de Uzume, levaremos na tal caixa esse cão, Schipeitarö, à clareira das ruínas. Eu estarei lá. Vamos acabar de vez com esses gatos malditos! — conclui sem vacilar.

Ouvindo minha promessa, tranqüilizou-se a mocinha. Com algum contentamento, sorriu e me fez feliz.

Pouco depois, me lavei e me arrumei com elegância.

Acertada a aparência, fui procurar o cão.

Não encontrei resistência ao me apresentar ao homem que administrava as terras do pequeno povoado. Conhecia meu senhor e respeitava meu nome.

Cedeu-me Schipeitarö.

Antes do anoitecer, com um grupo de rapazes, camponeses da aldeia, levei o cão na caixa e deixei na clareira. Temerosos, os rapazes, após o serviço feito, abandonaram a colina, indo às pressas para casa.

De novo, me escondi sob o telhado inclinado. Ali, fiquei aguardando.

Era uma noite calma, sem chuva, não muito fria, com a minguante sem nuvens mais à vontade no céu.

Havia também estrelas. Mas não me agradam estrelas, pois há quem diga que foram, bem no início dos tempos, divindades muito más, banidas para o infinito pela Senhora do Céu, a sagrada Amaterasu, que é o Sol no firmamento e a avó do imperador.

De todo modo, era a luz que havia na clareira.

Desta vez, não apareceram os malvistos vaga-lumes. Talvez tenham encontrado a trilha que procuravam, no rumo da noite eterna, lá no reino das trevas, a moradia dos mortos.

Decerto, veio a coruja.

Pousou com alguma distância. Algumas vezes, piou.

Uma borboleta branca, voando do santuário, pôs-se a rondar e parou no caixote onde, escondido, estava Schipeitarö. Depois, voou e pousou num pinheiro perto, onde ficou, sem partir. Senti que era bom agouro, pois a borboleta branca mais me pareceu um Xin, gênio que sempre ajuda a quem precisa de graça, bênção e proteção.

De repente, atinei que um cuco se aproximava, pousando no santuário.

Logo depois, outros três e, daí, mais outros três.

Além dos sete, outros dois.

Foram se distribuindo. Nove cucos ao redor da clareira com a caixa.

Aquilo me preocupou.

“São esses cucos malditos que anunciam os gatos”, pensei, comigo, na hora. “Os espíritos malignos, com certeza, não demoram.”

Fiquei a postos, com a espada e também com o bökken.

Ainda que fosse cedo, não podia vacilar. E fiz bem agindo assim.

Vi a coruja partindo, indo embora para longe. Vi os cucos se agitando, voando de lá pra cá, mas sempre nas redondezas do caixote e da clareira.

Em seguida, percebi um movimento no ar, um murmúrio que chegava sem que se atinasse de onde. Num instante, esse murmúrio definiu-se em gargalhadas e gritaria perversa.

Quase me escapou o fôlego, quando os gatos monstruosos ocuparam a clareira, vindo atrás do gato negro que comandava a balbúrdia.

Eram nove, os demônios, com suas garras expostas, seus dentes sempre à mostra, os pêlos arrepiados, todos com cara de fome, observando, ansiosos, a caixa que esperavam.

Estavam tão empenhados em capturar Uzume que nem sequer atinaram que na caixa havia um cão. Nem mesmo desconfiaram de minha presença por perto.

Compondo uma roda louca, com o gato negro no centro, puseram-se a dançar, mas, desta vez, não cantaram a canção da outra

noite. Apenas riam, gritavam, batendo palmas, aos pulos. Às vezes, até brigavam, se arranhando uns aos outros. Nestas horas, furioso, o gato que comandava punia com violência os malditos desordeiros.

Ficaram assim, mais de hora.

Perto da meia-noite, se aproximaram da caixa, oito sentados no chão, o gato negro de pé. Puseram-se a bater palmas com extrema agitação. E passaram a cantar a mais perversa canção que alguém pode imaginar:

*Abre a caixa, traz o sal!
Agora, temos donzela
para ferver na panela.
Carne tenra, carne boa
mais gostosa que uma broa!*

*Abre a caixa! Abre a caixa!
Para matar nossa fome!
Come! Come! Come! Come!*

*Abre a caixa, traz o sal!
Vamos cozinhar a moça,
cuidando bem do tempero!
Carne nova, carne fina,
vamos dar fim na menina!*

*Abre a caixa! Abre a caixa!
Para matar nossa fome!
Come! Come! Come! Come!*

Quase perdi a calma, indo além do acertado, avançando com o bökken e a katanä afiada, sem me cuidar, atacando os espíritos malignos.

Contudo, um samurai deve sempre se conter, nunca se precipitar.

Calado, engoli a raiva, aguardando a hora certa de agir com precisão.

AS ESTAÇÕES DA VIDA

Sem demora, o gato preto que comandava os demais, sob o olhar esfomeado dos outros oito demônios, pôs-se a abrir a caixa.

Mal começou a abrir, Schipeitarö pulou fora, avançando corajoso contra o gato gigantesco, mordendo e não mais largando o pescoço do Oni.

A surpresa foi tamanha que, a princípio, o gatão não chegou a reagir.

Quando esboçou reação, já estava dominado pelo cão Schipeitarö.

No mesmo instante corri em direção à clareira.

Assustados, perturbados com tudo o que acontecia, os oito gatos restantes custaram a perceber a minha aproximação.

Bastou um primeiro golpe para decepar de vez as cabeças de dois gatos. Sem sossego, decepei mais duas outras.

Agora, eram quatro gatos que, em círculo, avançavam, babando ódio e pavor, vindo em minha direção.

Girei em torno de mim, ora acertando um com o bökken de madeira, ora golpeando outro com a minha katanä.

Uma a uma, as cabeças rolaram sobre a clareira.

No chão, oito gatos mortos.

Cada gato decepado, sendo espírito maligno e ruindade concentrada, não sangrou, virou fumaça. Fumaça feia e fedida, cheirando a vapor de enxofre.

Não perdi meu bom tempo vendo a transformação de cada Oni derrotado em fumaça fedorenta. Disparei em direção à luta de vida ou morte entre o cão Schipeitarö e o gato preto maior.

Com os dentes entranhados no pescoço do demônio, enquanto me aguardava, o bravo Schipeitarö, ainda que arranhado, sangrando por todo o corpo, dominava e não largava o seu perverso rival.

Jamais vi, em minha vida, animal tão corajoso feito Schipeitarö.

Golpeei com o bökken a cabeça do Oni que cortei com a Katanä.

O espírito maligno, sem demora, evaporou. No ar, deixou seu fedor.

Afastei-me da clareira, junto de meu companheiro, o bravo Schipeitarö, ferido, porém, altivo, comemorando comigo aquela nossa vitória. Nem sequer voltei os olhos para o velho santuário, suas

ruínas perdidas, ali, naquela colina, agora, decerto, livres da terrível maldição que atormentava a aldeia.

Pelo caminho, peguei duas orquídeas selvagens, brancas, raras, muito lindas, para levar a Uzume.

Alcansei o povoado já no fim da madrugada, sob a lua enevoadada, aguardando a luz do sol.

Ninguém havia dormido e todos nos esperavam, alegres e confiantes.

Fizeram festa conosco. Trouxeram chá e comida. Cumprimentos calorosos. Duas guirlandas de flores nos saudando feito heróis.

Logo alguém veio cuidar dos machucados do cão.

Fiquei um dia na aldeia, descansando corpo e alma.

Na manhã do outro dia, desta vez com montaria que me deram de presente, rumei para Takamatsu, indo encontrar minha guerra, o que resta a um samurai que bem serve a seu senhor com extrema lealdade.

Na despedida, Uzume me trouxe doces de ameixa e bolinhos de arroz, protegidos em uma caixa de madeira trabalhada com aplicação de flores, objeto precioso que sempre tenho comigo nas horas de luta e paz.

No percurso da viagem, em minha mente, trazia os preceitos que governam as aventuras da vida de um guerreiro samurai: dever, justiça, coragem, polidez, sinceridade, honra e benevolência, sempre com lealdade.

Já, no coração, levava os olhos castanho-claros e o sorriso de Uzume.

Sua lembrança suave tornou feliz o caminho.

Desde então, corri o mundo, feito corre todo homem que não tem medo da vida. Se a guerra não me levou até a terra dos mortos, com o tempo e a idade, aprendi a cuidar e tratar de outras coisas, muito além de guerrear.

Para os samurais mais novos, fabriquei katanä, a mais excelente faca. Fiz espadas de madeira muito bem-sucedidas, mas nenhuma se iguala a que fiz com minhas mãos, quando bastante jovem; o bökken que sempre levo ao longo de minha vida e há de seguir comigo através da noite eterna na hora em que for preciso.

De ferreiro forjador e artesão de bökken, a minha vida girou. Passei a me dedicar às artes do espírito. Cultivei caligrafia, pintura,

literatura, poesia e jardinagem. Cheguei a fazer teatro. Fiz muita meditação.

Até pousar por aqui, nesta aldeia à beira-mar desta ilha de Hokkaido, no extremo norte do Império, encontrando o meu lugar de sentir e recordar as cinco estações do ano, sempre justas no que tramam como exemplos para os homens.

Decerto o melhor lugar de todos em que vivi.
Que me confirme Uzume por sua vida comigo.

